## O mito do "novo mundo" na literatura de viagens

Neste texto foi mantida a ortografia vigente em Portugal.

a literatura de viagens, como acontece em qualquer subgénero literário, seja ele pastoril, histórico, policial ou qualquer outro,

os temas, motivos e tópicos obedecem a construções do imaginário que organizam e condicionam os textos nos seus aspectos semióticos, estilísticos ou de conteúdo.

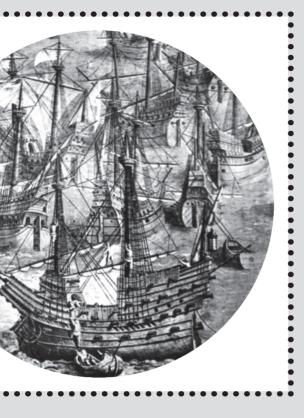
Uma dessas referências do imaginário põe em relevo o conceito de "novo mundo", situando-o entre os sonhos dos descobridores e conquistadores, o proveito e as cobiças dos que exploram riquezas, os projectos utópicos de sociedade dos que às viagens transoceânicas preferiram a tranquilidade e a segurança das viagens imaginárias no remanso dos seus conventos e gabinetes de trabalho.

Contudo, algo de comum os une, um optimismo tipicamente renascentista, quer na concepção do mundo e do homem, quer na fruição das riquezas e bem-estar, quer na vontade de criarem uma nova cultura e um mundo diferente.

Cultura essa apoiada na paideia clássica e sublimada ou disfarçada pelos ideais cristãos, mas que, progressivamente, deles se vai afastando quando, pela influência modernizadora das navegações e suas des-

FERNANDO CRISTÓVÃO é professor da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa.





ciência geográfica e náutica e os conhecimentos da experiência que se ia adquirindo exigiam uma reformulação do saber herdado e dos comportamentos medievais.

Cristóvão Colombo é bem um dos símbolos dessa mudança (1).

Quando partiu para a sua primeira viagem, em 1492, procurando atingir as Índias do grande Kan de que falara Marco Polo, através de uma rota marítima pelo ocidente e não pela costa africana, era em tudo um homem medieval, cujo desígnio último era o de organizar uma cruzada para a liberta-

Abaixo, o navegante Pedro Álvares Cabral

cobertas, se alteraram, ou mesmo aboliram, as "verdades" científicas, os valores, crenças e técnicas do mundo antigo e medieval, dando lugar a novos conceitos teológicos, filosóficos, científicos e sociais.

Com efeito, as navegações oceânicas iniciadas pelos portugueses a seguir à conquista de Ceuta (1415) com a descoberta do Porto Santo, do Arquipélago da Madeira, em 1418, e a acção pioneira do Infante D. Henrique desde que foi nomeado Administrador da Ordem de Cristo, em 1420, provocaram mudanças profundas no conhecimento do mundo e na mentalidade europeia.

Tudo foi posto em causa, porque a



ção de Jerusalém, como repetidas vezes o afirmou na sua correspondência, e que Las Casas lembrou, evidenciando o seu profundo sentir religioso. Cheio das mesmas ideias e ilusões procurava atingir as lendárias riquezas das terras donde eram originários os magos que foram adorar a Jesus, demandando as ilhas e terras de Tarsis, Ofir e Cipango que julgava ter encontrado no mar das Caraíbas. Ou quando se convenceu de que tinha finalmente chegado ao lugar onde estava o Paraíso Terreal, em que acreditava piamente, como se lê no seu Livro das Profecias, a avaliar ainda pela sua descrição, coincidente com a da Imago Mundi de Pierre D'Ailly, em 1493. E com ele, também Vespúcio, em conformidade com as suas cartas de 1500 e 1502.

Mas se Colombo e outros se equivocaram na rota, abundando em confusões de crença, ficção e realidade, o Colombo que saiu das viagens americanas e aqueles que nelas interferiram encontraram-se, quase sem se darem conta, em plena idade moderna em que os critérios antropológicos se sobrepunham aos teológicos, e os económicos e sociais levaram de vencida o idealismo e os sonhos.

E isso deveu-se às consequências das descobertas e do que acabou por ser designado como "Novo Mundo".

Em perfeito paralelismo com os equívocos colombianos se processaram entendimentos diversos sobre os novos mundos descobertos e sobre a sua forma de os interpretar e dominar. Situação esta traduzida pela terminologia vária adoptada no baptismo que lhes conferiu nome.

Com efeito, a expressão "Novo Mundo" não aparece no *Diário* de Colombo, de 1493, onde se dá conta do achamento, e foi interpretada de maneiras variadas.

Para os portugueses, que primeiro descobriram terras novas, "Mundo Novo" era o que Valentim Fernandes, em carta de 1502 ao rei D. Manuel, situava para lá do Cabo das Tormentas, considerado que D. João II, como Moisés, tanto tinha trabalhado "pera entrar em a terra da promissam, e em fim do monte Nebo olhou pera ela e a vyo". Por isso o rei conseguiu "de ser digno como

Josué de entrar em aquele mundo novo que bem podemos chamar a terra da promissam. E que proveyto trouve este tam nobre cabo da Boa Esperança" (2).

Mundo Novo não só por ser outro, mas sobretudo por se assemelhar à Terra da Promissão em que a fartura simbolizada biblicamente pelo correr do leite e do mel era agora concretizada em especiarias e outras novidades tropicais:

"Terra de promissam, onde há cravo, canella, gingivre, noz mozcada, maçes, pymenta preta, branca e longa, galanguau, reubarbo, cardamomo, cassiafistola, agarico, turbith, noz da índia, balsamo, almisquere, ambra líquida. Do estorque três maneyras, benjoy, almeçega, oppopomaco, golbano, camfora, bdelij, serapino, ençenso e myrrha. Dally ho ligno aloe, ebano, brasil, sandalo branco, vermelho e çitrino, mirabolano, índio, belerico, etc. Alli ha aljoffar, perlas, diamantes, rubijs, esmeraldas, amatistas, topasios, jaçintos, çaffiras, turquesas, etc. Alli ha alifantes acostumados e brancos, unicórnios, papagaios brancos e vermelhos e de muytas coores. O que cousas tam maravilhosas" (3).

A mesma identificação com a Índia foi feita pelo humanista Marchionni que numa das suas cartas para Florença é de opinião de que o monarca português, com o feito de Vasco da Gama, acabava de descobrir "um novo mundo" que vinha aumentar as perspectivas do mundo novo, tanto nos aspectos geográficos como de comércio (4).

Novo mundo era para os portugueses também o Brasil. Com esses olhos é contemplada a nova descoberta, em 1500, por Pero Vaz de Caminha escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral, explicando que a designação do novo território foi de carácter religioso: "Terra da Vera Cruz".

Observa, justamente, Banha de Andrade, que se a carta de Caminha fosse conhecida na Europa, quando foi escrita, teria arrebatado para o Brasil a admiração universal e as honras que foram concedidas à descoberta da América: "se se lhe

<sup>2</sup> O Livro de Marco Paulo - O Livro de Nicolau Veneto - Carta de Jerónimo de Santo Estevão, conforme a impressa de Valentim Fernandes, feita em Lisboa em 1502, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1922, Aij v.

<sup>3</sup> Idem, ibidem.

<sup>4</sup> Apud A. A. Banha de Andrade, in Novos Mundos do Mundo, Junta de Investigações do Ultramar, 1972, p. 235.

tivesse dado publicidade no século XVI, o êxito que lhe estava destinado não excederia apenas o interesse que despertou desde o século passado, mas ultrapassaria muito o que obtiveram as epístolas de Américo Vespúcio. Poderia acontecer que o geógrafo que propôs para o mundo novo o nome de Vespúcio o tivesse baptizado com o de Cabral" (5). Com efeito, a carta de Pero Vaz só foi dada a conhecer na imprensa no Rio de Janeiro em 1817 pelo padre Aires do Casal, e este é um dos casos em que o segredo mais prejudicou que favoreceu o que se pretendia acautelar.

Aliás, assim o entenderam o autor e anotador de uma carta geográfica de 1508, identificando o Brasil deste modo: "Terra Sanctae Crucis sive Mundus Novus [...] haec regio a plerisque alter terrarum orbis existimatur" (6).

Assim o designou igualmente Jean de Léry na sua Histoire d'un Voyage en Terre de Brésil, em 1578, ao exclamar, perante as maravilhas que observava: "Toutes les fois que l'image de ce nouveau monde que Dieu m'a fait voir se représent devant mes yeux [...] incontinent cette exclamation du Prophete au Psaume 104, me vient en mémoire, O Seigneur Dieu [...] la terre est pleine de ta sagesse" (7).

Muito depois desta data, os portugueses continuaram a chamar ao Brasil Novo Mundo, como frei António do Rosário que na "Prefaçam" do seu *Frutas do Brasil*, de 1702, diz: "As terras, segundo as influências várias do Céu, assim como produzem homens de várias cores e línguas, produzem com a mesma diversidade infinitas castas de frutas: esta América de Portugal, como um novo mundo que depois de muitos séculos descobriram os portugueses, como é o novo Céu e Nova Terra" (8).

E também, em 1733, Joseph-François Lafitau, considerado um dos maiores pioneiros da antropologia comparada, pensava de maneira semelhante. Por julgar que o mundo civilizado e cristão devia estar grato pelo que os portugueses fizeram, e se encontrava insuficientemente informado, resolvera escrever uma obra, em quatro tomos, historiando a expansão marítima lusa

desde 1412 e do Infante D. Henrique, na África, Índia, Brasil e Ásia, apelidando-a no título da obra: "Decouvertes et Conquestes des Portugais dans le Nouveau Monde".

Novo mundo, portanto, que designava não apenas o Brasil mas as outras partes do mundo antes não conhecidas ou conquistadas pelos europeus (9).

É em 1503, no *Novus Orbis* de Américo Vespúcio, que aparece a designação "Mundo Novo" aplicada à América: "com a arma-

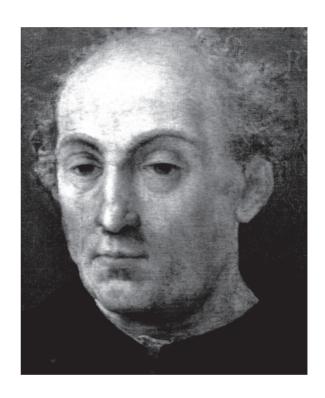
•

•

•

•

Cristóvão Colombo



da e a expensas e por mandato do sereníssimo Rei de Portugal, procurámos e descobrimos, (novos países), a que nos é lícito chamar Novo Mundo, porque no tempo dos nossos maiores de nenhum dele se teve conhecimento, e para quantos o ouviram deverá ser coisa novíssima, já que excede a opinião dos nossos antepassados" (10).

Esta designação de Novo Mundo fez o seu curso no título de várias obras de viagens importantes, sobretudo desde que Pietro Martir d'Anghiera (1459-1526) a divulgou no *De Orbe Novo*, em cujo II Capítulo assim descreve, ao Príncipe des-

- 5 Idem, ibidem, p. 22.
- 6 Antonello Gerbi, La Natura delle Indie Nove, Milano – Napoli, 1975, p. 367.

•

•

•

- 7 Jean de Léry, Histoire d'un Voyage en Terre du Brésil, Sd. de Frank Lestringaut, Paris, L.G.F., 1994, p. 334.
- 8 Fr. António do Rosário, *Frutas* do Brasil, Lisboa, A.P. Galram, 1702, p. Aj.
- 9 Joseph-François Lafitau, Histoire des Decouvertes et Conquestes des Portugais dans le Nouveau Monde, Paris, 1734.
- 10 Américo Vespucci, "Mundus Novus", in *Cartas de Viage*, Madrid, Alianza Editorial, 1986, p. 89

tinatário, as novas terras: "Repertis illustrissime Princips cupere te q accidunt in Hispania de Orbe Novo cognoscere, placuisseque tibi..." (11).

É essa a óptica de Simão Grynaeus na *Historia Americae sive Novus Orbis*, de 1532; de G. Ramusio nos *Discorsi sopra de Navigationi et Viagge*, editados de 1550 a 1559, que no terceiro volume contam as "navigationi al Mondo Nuovo"; de Theodore de Bry na edição da *Historia Americae sive Novi Orbis*, de 1634, e de muitos outros.

Como explicitamente se faz na *Historia* de Bry, o nome de "America" funciona de maneira sinonímica com o de Novo Mundo.

É que, já em 1507, o geógrafo alemão Martin Waldseemüller, na *Cosmographiae Introdutio*, tinha começado a designar o novo mundo americano pelo nome de Américo Vespúcio.

Por algum tempo as duas designações conviveram pacificamente, mas a designação de Waldseemüller acabaria por vencer. Por muito injusta que ela fosse, era praticamente inevitável, não só pelo grande prestígio de Ramusio, mas também por razões práticas.

Embora Vespúcio não fosse responsável por essa atribuição, o certo é que ele não era homem para descurar a sua fama, atribuindo-se feitos reais, ou supostos. As suas obras que circularam por toda a parte como primeira colecção de narrativas de viagens fizeram reverter em seu favor o maravilhamento europeu perante tão estranhas e exóticas notícias e porque, insistase mais uma vez, a esplendorosa narrativa de Pero Vaz de Caminha continuaria em segredo até ao século XIX.

Sendo, inicialmente, à América do Sul que se referia o Novo Mundo, posteriormente, sobretudo com Mercator, passou a abranger também a do Norte, tendo-se aí fixado a expressão, para o futuro.

Para isso concorreram também razões de carácter prático que retiraram ou impediram o carácter simbólico e mítico que a expressão herdou dos sonhos e mitos da Antiguidade e da Cristandade medieval e se projectaram na aventura das navegações. "Novo" passou a ser cada vez mais o adjectivo utilizado para significar a posse e o prolongamento do Velho, do Velho Continente.

Assim, vários territórios descobertos passaram a ter os mesmos nomes dos países de origem dos descobridores e conquistadores, antecedidos desse adjectivo, utilizado como uma espécie de prefixo.

Já em 1513 se referia a existência de uma Nova Inglaterra na obra de John Smith, The New England. Os espanhóis, desde que em 1523 Cortés foi nomeado pelo rei capitão-general, passaram a chamar, ao México, Nueva España. Do mesmo modo, as possessões francesas do Canadá designavam-se, até 1763, como Nouvelle-France, desde que Jacques Cartier, em 1534, tomou posse dessas terras em nome do seu rei, da mesma maneira que mais tarde também os portugueses gostavam de se referir ao Brasil como Nova Lusitânia.

Richard Eden publica, em 1553, o seu *Treatyse* sobre a *Newe Índia with other newe founde Lands and Islands*, e desde 1625 que o território que viria a ser Nova Yorque se chamou *Nova Amesterdam*, tendo os holandeses dado à Austrália, descoberta pelos portugueses no século XVI, o nome de Nova Holanda, em 1606.

Para o confirmar, e para que a lista de exemplificações não seja demasiado extensa, basta consultar as dezenas de ocorrências duma enciclopédia de qualquer país, ou as obras de cartografia, porque esta tendência se transformou num hábito, até aos nossos dias.

Na continuidade das ilusões bíblicas e escatológicas de Colombo, o grande continente americano, tão repetidamente apelidado de novo, no todo e nas suas partes, foi também visto, desde a sua descoberta, se não como o Paraíso Terreal reencontrado, pelo menos como uma sua reconstrução ou reflexo.

Mircea Eliade refere (12), citando as obra de Charles L. Sanford (*The Quest for Paradise*) e de George H. Williams (*Wilderness and Paradise in Christian Thougt*), que os Estados Unidos, mais do que qualquer outra nação moderna, eram

<sup>11</sup> Pietro Martir d'Anghiera, De Orbe Novo (Decades), Sedifus Michaelis de Egnia, 1330.

<sup>12</sup> Mircea Eliade, "Paraíso Y Utopia: Geografia Mítica Y Escatologia", in *Utopias y Pensamiento Utópico*, Comp. De F.E. Manuel, Madrid, Essa – Calpe, 1982.

produto da Reforma protestante na busca de um Paraíso Terreal, havendo uma estreita ligação entre a Reforma e a recuperação do Paraíso.

Para alguns teólogos protestantes, "a Reforma acelerava a chegada da grande era da bem-aventurança paradisíaca", ao ponto de nas colónias americanas "a doutrina religiosa mais popular ser a de que a América tinha sido escolhida dentre todas as nações da terra como o lugar para a segunda vinda de Cristo, e que o milénio, embora de natureza essencialmente espiritual seria acompanhado de uma transformação paradisíaca da terra, como sinal externo da perfeição interna" (13).

Segundo o mesmo autor, assim se chegou às ideias do "Paraíso Americano" multiplicando-se as comparações com o Eden primitivo.

Ideias estas que conceituavam negativamente Roma, as nações católicas e a Europa como o Anti-Cristo, como mundo caído, inferno.

Conclui Eliade: "Tanto os primeiros colonos como os emigrantes europeus mais tardios viajavam para a América como para o país em que podiam nascer de novo, isto é, começar uma nova vida" (14).

Algo de semelhante tinha ocorrido a respeito da América do Sul, mas com as grandes diferenças ibéricas e católicas de uma visão nem milenarista nem excessivamente maravilhada, embora saudosa da idade primigénita.

Argutamente observou Sérgio Buarque de Holanda, na sua Visão do Paraíso, logo no início do primeiro capítulo, como que a prevenir o leitor contra falsas expectativas, que nos escritos quinhentistas dos portugueses sobre o Novo Mundo o espaço ocupado pelas manifestações de maravilhamento e mistério era singularmente reduzido. Certamente, acrescenta, porque a sua larga prática das navegações no Mar Oceano e experiência no trato com gentes desconhecidas já os tinham habituado ao exótico, ou porque o fascínio do Oriente ainda era demasiado. O certo é que do Brasil nem esperavam extraordinários portentos nem previam que isso viesse a acontecer,

"e o próprio sonho de riquezas fabulosas, que no resto do hemisfério há-de guiar tantas vezes os passos do conquistador europeu, é em seu caso constantemente cerceado por uma noção nítida, porventura, das limitações humanas e terrenas [...]. Mal se esperaria coisa diversa, aliás, de homens em quem a tradição costumava primar sobre a invenção, e a credulidade sobre a imaginativa. De qualquer modo, raramente chegavam a transcender em demasia o sensível, ou mesmo a colori-lo, rectificálo, complicá-lo, simplificá-lo, segundo momentâneas exigências" (15).

Por isso Sérgio, no subtítulo do livro — "Os Motivos Edênicos no Descobrimento do Brasil" —, preferiu falar em "motivos", no sentido literário do termo, em vez de temas, pois para eles não havia a amplitude e matéria necessárias.

Para corroborar este ponto de vista, basta lembrar que o grande poema épico português, *Os Lusíadas*, tem por tema a Índia, a viagem do Gama até essas terras que fascinavam o imaginário luso e europeu.

O Brasil, nesse poema, é evocado muito discretamente, no canto X, em quatro versos da estrofe 140, quando Tétis mostra ao Gama a grande máquina do mundo, na visão de Ptolomeu: "Mas cá onde mais se alarga, ali tereis/ Parte também, co pau vermelho nota;/ De Santa Cruz o nome lhe poreis;/ Descobri-lo-á a primeira vossa frota".

Para além dessa referência, o Brasil não chegou a conhecer nenhuma epopeia portuguesa que se impusesse, e os poemas épicos que nele se escreveram ou o tomaram por objecto são de poetas lá nascidos ou que lá viveram, e de assunto local: o *Caramurú* de Santa Rita Durão sobre o descobrimento da Bahia, o *Uraguai* de Basílio da Gama sobre a luta dos índios contra o exército luso-espanhol, *Vila Rica* de Cláudio Manuel da Costa sobre a região de Minas Gerais, para não falar já no obscuro e ainda inédito *Brasília* de Gonçalo da Franca sobre o próprio descobrimento das terras de Santa Cruz.

Por isso a descrição da terra brasílica é feita preferencialmente em linguagem "ufa-

<sup>13</sup> Idem, ibidem, p. 317 (T. do

<sup>14</sup> ldem, ibidem, p. 321 (T. do

<sup>15</sup> Sérgio Buarque de Holanda, Visão do Paraíso, Rio de Janeiro, José Olympio, 1959, p. 3





nista", ampliando tropicalmente a eloquência barroca europeia, não a reconstituir o Paraíso, mas a exaltar-lhe as adjacências da abundância, exuberância, beleza, colorido, superioridade em relação a realidades correspondentes europeias. E observandose sempre a advertência de Pero Vaz de Caminha no final da sua *Carta de Achamento*, de que era indispensável o esforço humano do trabalho: "A terra em si é de muito bons ares, assim frios e temperados [...] água são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo" (16).

É que o novo Paraíso era o Paraíso depois do pecado, em que, apesar de tudo, os frutos da terra só podiam ser colhidos com suor no rosto. E onde os índios, embora "inocentes" segundo Caminha, e viciosos segundo Anchieta e Nóbrega, precisavam de ser civilizados e evangelizados.

Este é o sentido da literatura ufanista de Ambrósio Brandão, *Diálogos das Grandezas do Brasil*, de 1618; de Botelho de Oliveira, *Ilha da Maré*, de 1705; de André João Antonil, *Cultura e Opulência do Brasil por suas Drogas e Minas*, de 1711; de Sebastião da Rocha Pita, *História da América Portuguesa*, de 1730; da abundante literatura jesuítica, principalmente de Manuel de Nóbrega, *Informação das Terras do Brasil* de 1550, de Anchieta (1534-97), *Informação do Brasil e de suas Capitanias*.

Quanto à visão e descrição da América espanhola, ela é substancialmente diferente. Por pouco tempo os índios foram encarados como gente inocente e de paz, porque a cobiça do ouro e de outras riquezas depressa transformou aquele paraíso num inferno, quer nas ilhas primeiramente descobertas, quer na expansão continental que se lhes seguiu, em que foram destruídas civilizações avançadas como as dos incas e aztecas.

Segundo o testemunho de Las Casas na Brevíssima Relacción de la Destrucción de las Índias, de 1552, eram os índios gentes "las más simples, sin maldades ni dobleces, obdientisimas, fidelisimas a sus señores naturales y a los cristianos a quien sirven; más humildes, más pacientes, más pacíficas y quietas, ni rencillas ni bollicios, no

rijosos, no querulosos, sin rancores, sin odios, sin desear venganzas que hay en el mundo" (17). Tudo mudou rapidamente com a obsessão da busca do ouro, porque, conforme concluiu o bispo de Chiapas: "En estas ovejas mansas y de las calidades susodichas por su Hacedor y Criador asi dotados entraron los españoles desde luego que las conocieron como lobos y tigres y leones crudelísimos de muchos dias hambientos. Y otra cosa no han hecho de cuarenta años a esta parte, hasta hoy y hoy en este dia lo hacen, sino despedozallas, matallas, angustiallas, afligillas, atormentallas y destruillas".

Visão diferente dessa bondade paradisíaca dos índios tiveram outros que presenciaram igualmente os acontecimentos: Alonso de Ercilla, que escreveu um poema (18) épico glorificando a conquista espanhola e sua "guerra justa", La Araucana, de 1569 ("Canto... el valor, los echos, las proezas/ de aquellos españoles esforzados/que a la cerviz de Arauco no domada/pusieron duro yogo por la espada"), e o governador D. Bernardo de Vargas Machuca.

Segundo este capitão-general que escreveu Apologias y Discursos de Las Conquistas Occidentales, em 1612, refutando ponto por ponto a Brevíssima Relacción, de Las Casas, não eram os índios tão pacíficos como o dominicano o queria fazer crer: "Cuando el indio se ve livre y sin temor no tiene ninguma virtud, y cuando se halla opreso y temeroso hace muestra de tenerllas todas juntas", e lembrava que, frequentemente, arremetiam contra os missionários "matandolos y comiendo los mas de ellos". Por isso quis demonstrar na sua apologia, servindo-se da experiência de soldado e de governador, que nem as coisas se passaram como Las Casas as descreveu, nem se podia proceder de modo diferente do que seguiu a colonização: "Como hombre que tanto los he tratado y que tiene experiencia dellos en las conquistas y fuera de ellas, y créanme como cristiano que soy que para que se conviertan conviene que entren a la par los religiosos y la gente de guerra, porque será más breve la conversión y más almas las que se salvarán pues todo este mundo no se puede estimar en tanto como el valor de una sola" (19).

Depois de tantos sonhos e projectos, as desilusões sobre a novidade das Américas sugestionaram os utopistas a apresentarem as suas alternativas.

Tomás Morus, no livro primeiro da *Utopia*, diz claramente que os relatos de maravilhas e de medos, a que se estava habituado, já não convencem ninguém: "os monstros tão famosos outrora já não têm interesse algum: Scilas, Celenos, lestrigões antropófagos e outras harpias do mesmo género que existiam quase por toda a parte. O que é mais raro e digno de interesse é uma sociedade sã e sabiamente organizada" (20).

Afinal o chamado Novo Mundo não era mais do que o prolongamento do velho, nas suas estruturas e práticas religiosas, políticas e sociais cheias de injustiças e de corrupção.

A explicação que António Herrera tinha dado nas suas *Decadas* sobre a razão
por que chamaram ao México "*Nueva España*" revela uma conclusão pragmática
que se podia aplicar a tudo nas terras descobertas e conquistadas. Chamava-se novo
o que lhes fazia ver de novo o que já conheciam da velha Espanha: as casas e as povoações eram semelhantes às da pátria. Era
novo o que de novo se fazia ou via, à semelhança do modelo original ibérico.

Surgiram por isso as propostas dos utopistas, em suas viagens imaginárias distanciando-se, por igual, quer do Velho Mundo quer do Novo Mundo das Américas, como explicitamente o afirmaram, só considerando verdadeiramente nova a cidade modelo que propunham.

Para aí convergem as principais utopias dos séculos XVI e XVII: a *Utopia, sive de Optimo Reipublicae Statu*, de 1516, de Tomás Morus, a *Civitas Solis* de frei Tomás Campanella, de 1623, e a *New Atlantis*, de 1627, de Francis Bacon.

É clara a oposição destes modelos de novos mundos tanto ao da Europa como da América. E para os descrever, os utopistas utilizaram as mesmas formas, ambiente e linguagem dos navegadores e da literatura Na página anterior, acima, Américo Vespúcio; abaixo, Fernão de Magalhães

<sup>16</sup> A Carta de Pero Vaz de Caminha, edição de Jaime Cortesão, Lisboa, Portugalia, 1967.

<sup>17</sup> Bartolomé de las Casas, Brevíssima Relacción de la Destrucción de las Indias, 5º ed., Madrid, Cátedra, 1991, pp. 75-7.

<sup>18</sup> Alonso de Ercilla, *La Araucana*, 3ª ed. Mexico, Porrua, 1979.

<sup>19</sup> Bernardo de Vargas Machuca, Apologias y Discursos de las Conquistas Occidentales, Junta de Castilla y Léon, 1993, pp. 59-61.

<sup>20</sup> Tomás Morus, A Utopia, 10º ed., Lisboa, Guimarães ed., 1996, p. 28.

de viagens em que se inspiraram. Tal como aconteceu a Colombo, e talvez também a Cabral, a ilha de Tomás Morus foi encontrada por acaso, por força de uma tempestade. E também o narrador dessa utopia é um navegador, português, capitão de navios, chamado Rafael Hitloden.

A cidade de Campanella situa-se numa ilha perdida no Oceano, encontrada, por um almirante, genovês como Colombo, depois de longa viagem à volta da terra.

A ilha de Francis Bacon, a Nova Atlântida, naturalmente que também foi descoberta por um navegador que viajava desde o Peru para a China e o Japão, arrastado pelos ventos. E assim por diante.

Comum a todos os textos é a ideia de que a perfeição e a virtude não se encontram realizadas em nenhum mundo conhecido e são possíveis unicamente através de leis justas e sábias.

Das três ilhas se pode dizer que se situam onde Bacon imaginou a sua: "simultaneamente, para além do Velho Mundo e do Novo Mundo".

Todos, igualmente, são solidários na crítica aos políticos e magistrados, apontando como principal agente corruptor a cobiça do oiro, do dinheiro, da propriedade privada.

E unânimes são no louvor dos grandes inventos do tempo: a imprensa, a pólvora, as novas armas, a bússola, sendo deles o mais entusiasta Bacon, o autor da nova Bíblia científica do empirismo e da classificação das ciências, o *Novum Organum*.

O novo deslumbramento é mais com o homem do que com o mundo, porque, com o auxílio da ciência, os seus poderes crescem extraordináriamente, levando a Natureza a produzir tudo o que ele quiser.

Emblematicamente, na Nova Atlântida, as maravilhas de frutos e plantas não são dons espontâneos da natureza como nas narrativas ufanistas barrocas, mas produtos fabricados nos laboratórios, "fazendo-se misturas e cruzamentos de espécies diversas, que têm produzido muitas espécies novas e que não são estéreis, como geralmente se crê dos híbridos", lançando-se mão de intervenções laboratoriais que anteci-

pam a moderna engenharia genética.

No final da *Utopia*, Morus rende-se às ideias utopianas de Rafael "de que o fundamento sobre o qual se edificou aquela estranha república" é "a comunidade de vida e de riquezas sem intervenção do dinheiro".

Quanto a Campanella, insiste ainda mais do que os outros em que o mundo só poderá ser melhor se viver a unidade religiosa, sob a égide do Cristianismo.

Já foi dito que a história e o progresso são o cemitério das utopias (21), mas talvez seja mais exacto afirmar-se que tanto umas como outras são antes a sua consolidação e purificação, porque foi estimulado, guiado mesmo pelas utopias que o homem deu passos significativos na busca incansável da felicidade e do bem-estar.

As utopias são tão úteis nos seus acertos e incentivos à realização dos melhores desejos, como nos seus erros, pois a experiência também ensina, pelo absurdo, o que é preciso exorcisar: unidade do mundo e dos homens, sob as grandes metáforas do Estado Todo Poderoso e da Religião única; aposta nas capacidades do homem e nas possibilidades da ciência e da natureza; indispensabilidade da crença em Deus na busca do sentido, eis o lastro positivo mais relevante destas utopias. Aniquilação da liberdade, da criatividade e da diferença, criação de uma nova escravatura, eis a sua perversão, que a história já exemplificou e proscreveu.

Passadas que foram estas propostas utópicas, o Novo Mundo americano iria conhecer durante os séculos XVIII e XIX outra fase de interpretação negativa que degenerou numa teoria geral da inferioridade, tanto da terra como do homem americanos, quando comparados com as realidades europeias. Por ela foram responsáveis Raynal, Buffon, de Pauw e, sobretudo, Hegel. É que o século das luzes achava que devia ler tudo com olhos críticos, e que era preciso ultrapassar as "singularidades" demasiado abundantes nas narrativas de viagem e substituí-las por "verdades" científicas.

Era imperioso testar a conformidade dos factos narrados com a razão, e reduzir às suas verdadeiras proporções as tão propaladas maravilhas. E também se impunha apro-

<sup>21 &</sup>quot;Utopia", in Dictionnaire Historique, Thématique et Technique des Littératures, dir. De Jacques Demougin, Paris, Larousse, 1986.

fundar o conceito de homem selvagem.

Chegou assim o momento das "viagens filosóficas" e dos viajantes ideais, bem diferentes dos narradores ingénuos e grosseiros que descreveram as navegações.

Tudo considerado, não era difícil concluir pela inferioridade da terra americana, dos seus animais, plantas e gentes (22).

Teoria esta tanto mais arbitrária quanto dependente de preconceitos racistas, cheia de vícios de raciocínio, e que nos nossos dias seria refutada, dentre outras obras, pela *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freire, de 1933, e por *O Novo Mundo* de Antonello Gerbi, de 1943.

O Novo Mundo só nos tempos modernos voltaria a recuperar o sentido positivo de "Terra de Promissão" identificada com a América do Norte, em função de dois factores que o constituíram como um modelo a imitar. Um, no aspecto político e social, o de pátria da democracia, e outro, no aspecto económico e social correspondente, o do extraordinário progresso técnico e da riqueza, ligado à igualda-

de de oportunidades.

Assim o diagnosticou a síntese de Braudel na *Grammaire des Civilizations*:

"L'Amerique offre deux grandes ensembles culturels. L''Amerique', sans plus, c'est-à-dire les Etats Unis (auquels il faut joindre le Canadá, entrâné dans leur silage): c'est le noveau monde par excellence, celui des merveilleuses réalizations, celui de la 'vie future'. L'autre Amerique, la plus vaste, moitié du continent, semble s'accomoder de l'épithète de 'latine' [...] une Amerique une et multiple, haute en couler, dramatique, déchirée, divisée contre elle-même" (23).

O "Novo Mundo", afinal, só do homem é que pode receber a novidade. E a novidade, como a perfeição, não são fáceis de encontrar nem de receberem a unanimidade das opiniões.

Desse modo, outros novos mundos irão sendo descobertos ou imaginados, porque tanto a realidade como a utopia são inesgotáveis.

<sup>22</sup> Helène Clastres, "Sauvages et Civilisés au XVIIIe siècle", in Histoire des Idéologies, Paris, Hachette, 1978, pp. 220-1.

<sup>23</sup> Fernand Braudel, Grammaire des Civilizations, Paris, Flamarion, 1993, p. 467.